

História

Todo resultado positivo tem que comemorar

História de: [Luís Sávio da Cunha](#)

Autor: [Ana Paula](#)

Publicado em: 15/12/2021

Sinopse

A entrevista passa pela entrada de Luís Sávio na Petrobras, e um resumo de sua vida pessoal após a sua chegada em Macaé. Também narra como era bucólica a cidade naquele momento.

Tags

- [Macaé](#); [Petrobras](#); [Petroleiro](#); [Rotatividade de pessoal](#); [vínculo interpessoal](#); [Evolução tecnológica](#); [G](#)

História completa

Memória dos trabalhadores da Bacia de Campos Realização Instituto Museu da Pessoa Entrevista Luís Sávio da Cunha Entrevistado por Sérgio Ricardo Betroz Macaé, 03 de junho de 2008 Código: MBAC_CB_014 Transcrito por? Revisado por Marconi de Albuquerque Urquiza P/1 – Então diz o seu nome completo, onde nasceu e a data de nascimento. R - Bom, o meu nome é Luís Sávio da Cunha, nasci em Ouro Preto, Minas Gerais, no dia 30 de janeiro de 1956. P/1 – Em Ouro Preto você nasceu. E você veio para cá de Ouro Preto? R - Não, de Ouro Preto eu fui para a Vitória, onde a Petrobras tinha sede, em 1977, e em 1980 eu vim para cá. P/1 – Em 1980 você veio para Macaé? R – Isso. P/1 – E era muito diferente do que você tinha em Vitória? R – Completamente diferente, isso aqui praticamente não tinha nada. Para você ter uma ideia, nem rodoviária tinha, a rodoviária funcionava num barzinho, numa praça. E era uma cidade... mais um lugar de pescadores, né? P/1 – E como era o acesso aqui? Você veio de ônibus? R – De ônibus. P/1 – Então era bem diferente a cidade. O que tinha na cidade, o que você lembra? R – A cidade, era bem cidade de pescador mesmo, não tinha aquela rua principal que é a rua Rui Barbosa. Aquelas lojinhas que me chamaram atenção, com várias peças de pano na porta. Era uma coisa bem de interior mesmo, muito legal. P/1 – E você achou casa fácil quando veio? R – Eu tive facilidade porque minha mulher trabalhava no Banco do Brasil e através de uma colega que trabalhava aqui a gente conseguiu alugar uma casa antes mesmo de vir. P/1 – E tinha casas legais para os trabalhadores? R – Não, as casas não eram boas e eram muito caras. Os aluguéis eram muito caros na época que eu cheguei aqui. P/1 – Mas a casa deu para viver bem ou... R – Eu vivi nessa casa um ano e pouco, porque logo em seguida eu fui para a Bahia fazer um curso de 3 meses e, nesse meio tempo, comecei a construir em um terreno num bairro um pouquinho afastado, que hoje é o Mirante da Lagoa. E construímos minha casa lá. P/1 – E esse curso na Bahia, o que era? R – Curso atualização de técnico de exploração de petróleo, né? Que naquela época chamava de Auxiliar Técnico de Geologia. P/1 – Daí isso que te preparou para continuar o trabalho aqui? R – Não, eu tive um curso de preparação inicial ainda na escola técnica em Ouro Preto. P/1 – Ah! Você morou, então, em Ouro Preto um período? R – Eu nasci em Ouro Preto e estudei lá mesmo... P/1 – É, já disse. Você estudou e depois que você entrou na Petrobras? R – Depois que eu entrei na Petrobras. P/1 – Ah! Entendi agora. E o trabalho aqui, quando você chegou, o que você fazia? R – Bom, quando eu cheguei, comecei a trabalhar no acompanhamento geológico de posse, a gente embarcava. Quando eu morava em Vitória, a gente pegava um avião ou helicóptero até Campos e de Campos ia para as plataformas. A gente permanecia por 15 dias e folgava 15 ou até menos, dependendo da quantidade de trabalho. Porque naquela época a Petrobras estava começando ainda a exploração aqui na Bacia de Campos e começando a formar o time de empregados, né. Então tinha pouca gente para muita atividade. P/1 – E o que você fazia na plataforma? R – Fazia acompanhamento geológico de posse, que era descrever as posses que chegavam na superfície e esse tipo de coisa aí... P/1 – E como é esse trabalho? R – O trabalho é muito interessante, era uma coisa que eu gostava de fazer, só não gostava do confinamento, principalmente naquela época que não tinha nada nas sondas. Então normalmente as sondas eram contratadas de estrangeiros, né, ninguém falava português praticamente e não tinha lazer nenhum. Era só trabalhar, dormir e comer e isso foi uma das razões pela qual na primeira oportunidade deixei de embarcar. Mas por causa do confinamento que eu não gostava. P/1 – E como é o convívio com o estrangeiro? R - Era tranquilo, porque apesar de eles não falarem a nossa língua, eles respeitavam muito o pessoal, porque era ali que eles estavam ganhando dinheiro. P/1 – E sempre tinha um tradutor? Como era? R – Não, às vezes tinha um operador de rádio que servia como tradutor, mas na hora do dia a dia, ele não podia estar o dia inteiro com a gente. Então tinha que aprender a falar inglês ou comunicar através de sinais, né? P/1 – Você lembra de alguma coisa engraçada, erro que você falou com eles achando que... R – Olha, eu lembro de uma coisa engraçada que um instrumentista, que não falava inglês... e quando ele chegou lá, o multímetro dele queimou. P/1 – O quê? R – Multímetro, um aparelho para medição de voltagem, amperagem... E ele chegou pro camarada lá e perguntou: "Do you have, do you have um negócio desse aqui [risos]." Porque ele não sabia falar multímetro em inglês. Essa é uma das coisas que eu lembro. P/1 – Você lembra de outras coisas também? R – Tem muita coisa, mas tem tanto tempo que a gente acaba esquecendo. P/1 – Você manteve vínculo com alguém daquele período? R - Não, não, porque normalmente as pessoas... quer dizer, mantive

vínculo com meus colegas de hoje, né, da minha profissão, tal. Mas primeiro é um trabalho de alta rotatividade entre as companhias contratadas, né, os estrangeiros passavam um mês aqui e voltavam. Às vezes nunca mais voltavam pra cá e normalmente o pessoal, que trabalhava na área de...na área da sonda, eles vinham de outros estados e também nesse mesmo regime: vinham, trabalhavam e voltavam pra casa. Então, praticamente eu não tive, e o tempo foi pouco também. Foram 2 anos, cada vez você trabalhava numa sonda diferente, nunca na mesma, então era difícil você manter um contato. P/1 – E depois dali... R – Depois eu vim trabalhar aqui no escritório em Macaé, no acompanhamento geológico no escritório. Trabalhei durante 10 anos nessa atividade. E depois, ainda na mesma área, fiquei trabalhando em edição de perfis elétricos. Agora eu estou na TI, trabalhando com dados sísmicos, prestando serviço pra mesma atividade que eu estava antes, nesse mesmo setor. P/1 – Não sente saudade da água, mais? R – Não [risos], terra firme é melhor. P/1 – É. E qual foi, você acha, o maior desafio aqui na empresa? R – O meu maior desafio foi mudar praticamente a cada 10 anos. Mudar de atividade assim: eu passei do acompanhamento geológico, que era uma coisa específica para outra coisa específica, que foi edição de perfis. Depois fui para a parte de sísmico, que é completamente diferente. Esses são...foram os grandes desafios. P/1 – Você teve que estudar, ler... R -Tive que estudar. Quando passei para TI, eu tive que aprender a trabalhar com sistema operacional, tive que conhecer hardwares, software. Então, foi uma mudança mais radical, essa última. P/1 – E a empresa sempre oferecia cursos para ajudar? R – Sempre, nessa área a Petrobras é fantástica, ela tem uma rede de treinamento muito boa. Acho que ninguém pode reclamar disso da Petrobras. P/1 – E qual foi sua maior... Você falou da sua maior dificuldade, né, e a família? Como... principalmente naquele período em que você trabalhava embarcado? R – Não, no período em que eu embarcava eu era solteiro, então não tive maiores problemas quanto a isso. E depois que eu casei, eu passei pro escritório, então isso é tranquilo. P/1 – E o trabalhador, como você definiria o trabalhador da Petrobras? R – Olha, o trabalhador da Petrobras é um empreendedor. Eu acho que hoje a Petrobras...nem só o trabalhador da Petrobras deve se orgulhar da companhia. Como a companhia deve se orgulhar do empregado que tem, porque todos eles são muito dedicados. É o que eu vejo, por exemplo, né? P/1 – E o que é ser petroleiro? R – Ser petroleiro é suar a camisa, é trabalhar mesmo, é aceitar desafios e não ter medo. P/1 – E assim, conta uma história engraçada que você lembra do cotidiano de trabalho, da convivência com amigos. Alguma coisa que vocês lembram que... R – Olha, aquilo que eu te disse, tem tanta coisa que chega na hora, principalmente numa hora de entrevista, que as coisas se misturam e você acaba não conseguindo coordenar as coisas e lembrar de uma específica, né? P/1 – Alguma brincadeira assim... R – É difícil lembrar nessa hora, assim. Eu tava falando para a Inês, né, eu sou um pouco tímido, até que eu tô me sentindo até meio solto aqui, mais do que o normal. Então essas coisas complicam, né? P/1 – E o futuro da Bacia de Campos, como você vê? R – Olha, eu acho que a gente ainda tem muita coisa pela frente, principalmente agora com a descoberta desses reservatórios de pressão. É um grande desafio, porque exige uma tecnologia muito de ponta, são reservatórios que estão em lâmina d' água muito alta e profundidades muito elevadas também, mas eu vejo com bons olhos. P/1 – Porque essa coisa de águas mais profundas, né, você comemorava quando conseguiam resultado... R – É, todo resultado positivo tem que comemorar, né, principalmente na área de exploração. P/1 – E como se festejava, você lembra de alguma em especial, alguma festa que te marcou? R – Não, especial não me lembro de nenhuma não, mas sempre tem uma comemoraçãozinha, principalmente na sede, né? P/1 – Todos juntos, né? R – Hein? R – Todos juntos na sede? R – É. P/1 – O que você acha disso, desse nosso trabalho de recolher depoimentos... R – Eu acho uma iniciativa muito legal, sempre fez falta porque uma coisa que eu acho - pelo menos que eu noto aqui em Macaé- é que Macaé praticamente não tem uma história, não tem uma memória. Isso faz muita falta, porque as gerações futuras precisam conhecer aquilo que foi feito, o que aconteceu, como era, pra poder saber traçar a linha do tempo, né? P – Ótimo, muito obrigada. R – Nada. --- FINAL DA ENTREVISTA ---